



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

DACILDA SILVA CELSO

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS SOBRE REGÊNCIA DE
PRÁTICAS EXITOSAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ABAETETUBA/PA
2025

DACILDA SILVA CELSO

FUNDAMENTOS TÉORICOS METODOLÓGICOS SOBRE REGÊNCIA DE PRÁTICAS EXITOSAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira

ABAETETUBA/PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

C394f CELSO, DACILDA SILVA.

Fundamentos teóricos metodológicos sobre a regência de práticas exitosas de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental / DACILDA SILVA CELSO. — 2025. XXX, 30 f. : il. color.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2025.

1. Alfabetização e letramento. 2. Práticas exitosas. 3. Experiências metodológicas. I. Título.

CDD 370

DACILDA SILVA CELSO

FUNDAMENTOS TÉORICOS METODOLÓGICOS SOBRE REGÊNCIA DE PRÁTICAS EXITOSAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira

Data de aprovação: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira

Orientadora – UFPA/FAECS

Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção

Examinadora – UFPA/FAECS

FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS SOBRE REGÊNCIA DE PRÁTICAS EXITOSAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dacilda Silva Celso¹

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.
(Paulo Freire)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre práticas de alfabetização e letramento a partir da experiência como residente do Programa Residência Pedagógica – CAPES, no processo de ensino e aprendizagem numa turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de Abaetetuba-PA. O estudo partiu de uma abordagem qualitativa diante de uma pesquisa definida com estudo de caso associada a pesquisa bibliográfica. Para a produção de dados foi utilizada a observação participante, seguida de uma análise de conteúdo. Autores como Soares (2003), (2020), (2022), Ferreiro e Teberosk (1986), Carvalho (2005), Mortatti (2006), Freire (1996) e Libâneo (1994) foram utilizados para embasar esse artigo. O resultado aponta que no processo de alfabetização, deve-se considerar fatores contribuintes, como a escolha de práticas que contemplam a alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais. Dessa forma considera-se a desmetodização de práticas que não garantem mais o aprendizado, bem como desenvolver práticas exitosas com procedimentos metodológicos embasados de teorias que fortaleçam as medidas de enfrentamento do processo de alfabetização e letramento no cenário educacional, principalmente em escolas públicas.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento; Práticas Exitosas; Experiências Metodológicas.

ABSTRACT

This article's main objective is to reflect on literacy and literacy practices based on our experience as a resident of the Pedagogical Residency Program (CAPES), teaching and learning in a second-grade class at a public school in the municipality of Abaetetuba, Pará. The study adopted a qualitative approach based on a case study and bibliographical research. Participant observation was used for data production, followed by content analysis. Authors such as Soares (2003), (2020), (2022), Ferreiro and Teberosk (1986), Carvalho (2005), Mortatti (2006), Freire (1996) and Libâneo (1990), (1994), was used to support this article. The results indicate that contributing factors should be considered in the literacy process, such as the choice of practices that address children's literacy and literacy in the early years. This involves demethodizing practices that no longer guarantee learning, as well as developing successful practices with methodological procedures based on theories that strengthen measures to address the literacy and literacy process in the educational setting, particularly in public schools.

Keywords: Literacy and Literacy; Successful Practices; Methodological Experiences.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará e Ex.bolsista do Proprograma Residência Pedagógica. E-mail: dacicelso31@gmail.com

O presente artigo titulado fundamentos teóricos metodológicos sobre regência de práticas exitosas de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental têm como objetivo refletir sobre práticas exitosas de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem numa turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola localizada em Abaetetuba-Pará.

Entendemos que é nos anos iniciais do ensino fundamental que se começa a envolver os alunos no cenário da leitura e escrita de palavras, no sentido de desenvolver formas de aprendizagem significativa para proceder no processo da formação leitora dos alunos. Neste sentido, este artigo se justifica pela relevância do tema que trata das práticas exitosas no processo de alfabetização, assim também como por três vivências significativas na minha trajetória acadêmica, sobretudo da minha participação no Programa Residência Pedagógica.

Em relação às vivências por mim enfrentadas durante o início da minha alfabetização foi bem difícil, pois, enfrentei métodos de ensino que não contribuíram com a minha autonomia leitora. Outra vivência que eu destaco e que foi de grande valia para a minha formação acadêmica, foram os conhecimentos adquiridos nas aulas no decorrer do curso de Pedagogia, pois, pude aprender teorias e concepções de ensino que me alertaram sobre estratégias de ensino mais eficazes e menos traumáticas como as metodologias aplicadas na minha infância. E por fim, a relevância deste trabalho também está condicionada à minha participação no Programa Residência Pedagógica, desenvolvido pela Universidade Federal do Pará, no ano de 2023 e 2024, no qual eu participei como bolsista, nesse período e que trouxe um conhecimento prático necessário para a minha vida profissional.

O Programa Residência Pedagógica é um Programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, implementado pela Universidade Federal do Pará, que tem como objetivo fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura, além de valorizar a experiências dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional. No caso do campus de Abaetetuba, o sub-projeto “Processos de Alfabetização e Letramento na interseção Letras Pedagogia”, abrangeu várias escolas municipais de Abaetetuba, numa das quais eu estive inserida.

O projeto buscou desenvolver um conjunto de procedimentos metodológicos que fortalecesse as medidas de enfrentamento na alfabetização e letramento nos anos iniciais, através de medidas não só com base nos conhecimentos teóricos, mas pela vivência da prática do licenciando direto no ambiente escolar.

Logo, a pesquisa resultou-se neste artigo, sendo significativa para o desempenho social, acadêmica, profissional, quanto, para quem está envolvido com a temática, pois, as experiências aqui apresentadas são valiosas. Na esfera social, este estudo trouxe experiências enriquecedoras, visto que, presenciamos e compreendemos as peculiaridades que o cenário educacional possui, paradigmas precisam ser desconstruídos e norteados, principalmente na educação do ensino fundamental dos anos iniciais, onde temos a questão da “tarefa” de alfabetizar e ensinar aos alunos, a prática da leitura e escrita. Neste cenário, as maiorias das escolas públicas estão inseridas numa realidade de baixo rendimento escolar e precisam potencializar processo da alfabetização dos pequenos.

Em relação à relevância acadêmica, este estudo tem grande pertinência no campo educacional, pois teve o cuidado de contribuir com práticas de alfabetização mais significativas, priorizando o letramento, direcionando olhares diferenciados para novas vertentes que contemplam o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, pois, no processo das vivências no Programa Residência Pedagógica, foi possível rompermos com teorias metódicas únicas e mecânicas, distante da realidade dos alunos, dificultando o processo de aprendizagem. Novas metodologias e novas práticas nos foram oportunizadas por meio de cursos e planejamentos em que teoria e prática se complementaram e se alinharam na efetivação de um trabalho pedagógico mais eficaz, o que talvez não fosse possível apenas com as teorias curriculares. Ou seja, a produção deste trabalho nos proporcionou um olhar sobre o complexo campo da alfabetização, assim como na criação de condições reais de aprendizagem e um repensar da prática docente e suas necessidades formativas.

Por fim, a pesquisa que me trouxe até aqui foi significativamente importante para o meu êxito profissional, se configurando um marco na construção da minha identidade profissional como professora alfabetizadora.

Para sistematizar este trabalho, objetivou-se refletir sobre as práticas de alfabetização por meio do processo de ensino e aprendizagem, tendo como lócus de investigação uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Abaetetuba-PA.

Para isso, buscou-se primeiramente compreender os caminhos percorridos historicamente pela alfabetização, assim como descrever o olhar para a alfabetização por meio do letramento e sistematizar as práticas exitosas adotadas no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita dos alunos do 2º. ano do ensino fundamental.

Para fundamentarmos a metodologia adotada, contamos com Severino (2013) e Chizzotti (2006), que proporcionam à pesquisa uma abordagem qualitativa, considerando três etapas na execução, a saber:

A primeira etapa foi realizar o levantamento e a revisão de literatura, por Severino (2013); a segunda etapa da pesquisa foi a coleta de dados. Nesta etapa utilizamos como instrumentos de produção de dados, a observação participante, por contribuições de Severino (2013) e Chizzotti (2006), partilhamos a vivência dos sujeitos de forma sistemática, fazendo uma descrição de todas as observações e interações realizadas ao longo de tempo em que estivemos inseridos no espaço investigado. Na última etapa foi realizado a análise de dados, a técnica de análise de conteúdo, por Severino (2013) buscar compreender o objeto estudado, assim como, juntamente com permissões e auxílios de terceiros, realizamos o período de aplicação de atividades de intervenção didática, que sistematizaram as práticas exitosas de alfabetização e letramento nos anos iniciais do fundamental.

No Brasil, temos um histórico das concepções de alfabetização, delimitadas por teorias que nortearam o processo da aquisição da leitura e escrita. Logo, o processo de aquisição da leitura e escrita, tende-se a remodelar-se e a desconstruir paradigmas considerados únicos. Estudiosos se debruçaram sobre esse cenário educacional, com isso, este trabalho, baseou-se nas contribuições teóricas de Soares (2003; 2020; 2022), Ferreiro e Teberosk (1986), Carvalho (2005), Mortatti (2006), Freire (1996), Libâneo (1994), Libâneo (1990), Brasil (2018) e Brasil (2014).

Considerando o exposto, a pesquisa aqui apresentada, intenciona (re) abrir a discussão sobre alfabetização e letramento, mostrar possibilidades de práticas que contemplem essas duas habilidades, além de traçar outro olhar que desmetodizem o aprendizado da leitura e da escrita por meio de práticas que venham ressignificar o processo de aprendizagem dos alunos introduzidos nesse contexto alfabetizador.

Desse modo, com essas orientações teóricas, percorremos o caminho da pesquisa para trazer o resultado do que foi investigado, para este trabalho.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

Nas últimas décadas, o cenário educacional brasileiro tem presenciado discussões sobre como ocorre o acesso à educação para todos e a busca por garantir qualidade à educação. Uma das questões da temática trabalhada na educação escolar é a alfabetização. A garantia e compreensão desse processo trazem consigo a busca por entender possíveis problemas que se entrelaçam e dificultam esse processo, provocando-nos a discorrer sobre o percurso já alcançado e do mesmo modo, anseia-se a contribuir com o processo que possa fortalecer práticas de alfabetização bem sucedidas.

2.1 – Aportes da legislação

Sabe-se que a alfabetização da leitura e da escrita, segundo a história deste tema, por muito tempo, passou a ser entendida e ensinada de forma mecanizada e memorizada. A princípio, priorizou-se a de-codificação e codificação das letras, palavras e sentenças. Todavia, com o passar do tempo, o cenário educacional vem necessitando de novas possibilidades para diminuir o analfabetismo e com isso, mudanças ocorreram visando o acesso à alfabetização.

Na Lei Diretriz e Bases da Educação (LDB - Lei 9.394, de 1996) “o compromisso da educação básica com a alfabetização é pleno. E a capacitação gradual para a leitura se dá com o compromisso, por meio da conjugação dos esforços da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, com a finalidade de garantir o direito à alfabetização”.

Logo, no Plano Nacional de Educação (PNE), Lei Nº 13.005/2014, em sua meta 05- “ênfata o proceder de alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental, buscando erradicar o analfabetismo, até sua vigência de 2024”. A meta seria a garantia de uma educação de qualidade, considerando a alfabetização a base para o sucesso da trajetória escolar e participação social cidadã.

Magda Soares, em seu livro, “Alfaletrar toda criança pode aprender a ler e a escrever” relata uns dos contribuintes do insucesso escolar, em quesito à alfabetização, que começa a partir do 3º ano do fundamental. Para essa autora:

Há estatísticas que comprovam que as taxas de insucesso escolar crescem ao longo do ensino fundamental a partir do 3º ano: alunos não conseguem avançar para o próximo ano letivo, ou avançam sem habilidades básicas de leitura e de escrita. A pesquisa do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF, na edição de 2018, verificou que, entre as pessoas que possuem os anos iniciais do ensino fundamental, mais de dois terços (70%) permanecem na condição considerada analfabetismo Funcional: têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita em situações da vida no cotidiano, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto (Soares, 2022, p. 10).

A política do plano que estabelecer as diretrizes, metas e estratégias para a educação brasileira, nesse período de 2014 a 2024, sendo prorrogada a sua vigência de (2014-2024) até 31 de dezembro de 2025, através da Lei 14.934/2024, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que prevê a vigor até o final de 2025 e possa se alcançar a meta de alfabetizar todas as crianças até o final do 3º. Ano do ensino fundamental.

Em julho 2025, a pesquisa divulgada pelo Ministério da Educação (MEC) revelou que o Brasil não atingiu a meta de alfabetização de crianças na rede pública, até o final do 2º ano do ensino fundamental. O índice ficou em 59,2%, abaixo da meta de 60% estabelecida pelo Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Ainda que isso possa ser considerado um avanço, segundo o Ministério da Educação, é importante refletir as práticas que fazem com

que tenhamos uma ressignificação do processo de ensino de alfabetização por meio do letramento, que pode ser um fator primordial para quebra de paradigmas ainda vigente que não estão dando certo.

A afirmação “o ensino fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica. Estudantes entre 6 e 14 anos, crianças e adolescentes que ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros” (Brasil, 2018, p. 57). Ou seja, é no período inicial de vida da criança que ocorrem mudanças no seu desenvolvimento que contribuirá em sua formação com seu eu, com outros e com mundo, é quando a criança começa a interagir em seu meio social, é a fase em que irão agregar e fortalecer o seu desenvolvimento do ápice total.

Pois, a princípio, é nos anos iniciais do ensino fundamental que ocorre o contato significativo com a leitura e escrita e/ou com o sistema da escrita alfabética pela criança. Assim como, de um modo geral, os alunos estão inseridos em espaços e culturas diversificadas, tendo peculiaridades, costumes e questões sociais que entrelaçam seus processos de ensino e aprendizado, e isso, faz com que as elaborações das ações e práticas alfabetizadoras sejam voltadas conforme as necessidades dos alunos espalhados por diferentes universos sociais e culturais.

Sendo assim, obter e sistematizar vivências metodológicas, que contribuam para o desenvolvimento físico, cognitivo, psico e motor dos alunos que irão fortalecer o processo de percepção, que contribuirá para a compreensão e conseguir representar elementos importantes na aquisição dos sistemas de representações como o da escrita alfabética e letramento. São questões primordiais para o avanço da alfabetização.

Torna-se fundamental que a prática metodológica seja direcionada para obtenção da alfabetização e letramento situá-la à realidade dos alunos. No período da alfabetização, a criança necessita avançar no seu processo de ensino e aprendizagem, tendo que criar e ressignificar as práticas que vão influenciar a concepção das crianças, de modo que elas façam uma construção e reconstrução do objeto que está conhecendo, facilitado por sua inserção na realidade trabalhada pelo professor. Entender a prática docente faz-se com que a necessidade atual reflita o campo teórico e prático de alfabetização desenvolvida no cenário educacional vigente. Do ponto de vista de Libâneo (1990):

A Didática tradicional tem resistido ao tempo, continua prevalecendo na prática escolar. É comum nas nossas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimentos, sobrecarregar o aluno de conhecimentos que são

decorados sem questionamento, dar somente exercícios repetitivos, impor extremamente a disciplina e usar castigos (Libâneo, 1990, p. 65).

Compreender e romper com concepções sobre a didática utilizada nas práticas alfabetizadoras que envolvem o processo do ensino da leitura e escrita dos alunos é quebrar paradigma e (re) construí-lo com base em reflexão conceitual e com análises de produção no desenvolvimento de estratégias do seu fazer em seu trabalho na prática alfabetizadora.

O processo de ensino e aprendizagem não se resume apenas a um método funcional, principalmente com apenas práticas tradicionais que vem deixando marcas no cenário educacional e não contribui significativamente para o alcance de metas.

Para Freire (1996, p. 18) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Com isso, é importante levar a pensarmos uma prática de bom êxito, conforme a necessidade e que contribua com o processo de aprendizagem.

Portanto, a didática é um campo que todo docente deve refletir e sistematizar, baseado no seu cenário do chão educacional e escolar, levando em consideração suas diversidades e peculiaridades, sendo uma junção de conhecimentos que precisam ser adquiridos e aprimorados pelos docentes, assim, como afirma, Libâneo (1990) abaixo:

[...] didática é a disciplina que estuda o processo de ensino tomando em seu conjunto, isto é, os objetivos educativos e os objetivos de ensino, os conteúdos científicos, os métodos e as formas de organização do ensino, as condições e meios que mobilizam o aluno para o estudo ativo e seu desenvolvimento intelectual. Para isso, investigar as leis e princípios gerais do ensino e da aprendizagem, conforme as condições concretas em que se desenvolvem. Os conhecimentos teóricos e metodológicos, assim como o domínio dos modos do fazer docente, propiciam uma orientação mais segura para o trabalho profissional do professor (Libâneo, 1990, p. 68).

Então, conhecer e significar as práticas metodológicas de alfabetização da leitura e escrita equivale a ter um aporte com embasamento metodológico, tanto teórico, quanto prático. Partir de um conjunto de influência dinâmica e de fácil entendimento, o docente em sua praticidade no momento de formular suas práticas, deve verificar que procedimento metodológico pode assegurar melhor o processo de ensino e aprendizagem, levando em conta o contexto cultural e social do indivíduo e suas particularidades.

Por fim, para poder ter um norte como contribuinte no processo de alfabetização da leitura e da escrita, os professores envolvidos nesse contexto, devem compreender melhor como realmente desenvolvê-las e (re) formulá-las a partir de conjuntos de procedimentos baseados em teorias e princípios que contemplem o processo da alfabetização.

Contudo, podemos considerar que a questão social no contexto educacional pode

apresentar vários fatores que contribuem para o analfabetismo, tanto, por questões de cunho público governamental, como políticas públicas ineficazes, assim como nas escolhas de práticas que não contemplam o processo da alfabetização das crianças.

2.2 – Aproximações teóricas dos métodos de alfabetização

No Brasil, temos um marco histórico da concepção de leitura e escrita, que se delimitou por métodos que nortearam o processo de ensino da leitura e escrita. E que por muitas vezes a criação de métodos validaram o alfabetizar e nortearam a alfabetização no cenário educacional brasileiro. Maria Rosário Longo Mortatti em seu artigo “História dos métodos de Alfabetização no Brasil” vai abordar sobre a questão.

Na tentativa de “criar” um método, elabora-se mais uma nova vertente que entra na disputa de ser aceito e justificado como método único. Mortatti (2006) vai relatar que no final da última década do século XIX, sobretudo, no período da Proclamação da República, iniciaram-se as práticas sistematizadas e escolarizadas de ensino de leitura e escrita. Com a necessidade de instaurar uma nova ordem política e social com a implantação do regime republicano, a escola passa a se configurar como um espaço que garantisse a população o conhecimento da cultura de alfabetização.

Com essas demandas sociais, criações vieram à tona, isso para instaurar maneiras que contemplassem o ensino da linguagem em leitura e escrita. A autora ainda explana que esta época foi marcada por possíveis métodos de alfabetização, em que os métodos buscavam melhor compreensão do aprendizado, enfatizando assim momentos cruciais.

No século XIX, que remete ao período de 1801 e 1900, os principais métodos predominantes eram o sintético e analítico. No primeiro, utilizavam-se as sílabas, soletrações, o método fônico e principalmente as cartilhas.

Mortatti (2006) afirma:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras (Mortatti, 2006, p. 5).

Já para Carvalho (2005, p.13), esses métodos eram da exigência e opção do momento,

a maioria da população era analfabeta e, na época, tinham poucas cobranças e necessidades sociais em termos de leitura. A soletração, por exemplo, não buscava que o aluno interpretasse o significado do texto, tão pouco formar leitores fluentes e reflexivos. Nesse período também, foram elaboradas as primeiras cartilhas brasileiras, que se remetiam à soletração, fônetização e silabação, sem que se alcançasse os resultados esperados.

Em 1890, por questões de reorganização do espaço escolar, e modelo para outras ordens públicas, estabeleceu-se o método analítico, objetivando-se partir do ensino da leitura de um “todo” para as partes, e não mais das letras, restrito à caligrafia (mecanizado) através de cópias e ditados.

Do ponto de vista didático, a base da reforma estava nos novos métodos de ensino, em especial no então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura, utilizado na Escola-Modelo Anexa (à Normal), onde os normalistas desenvolviam atividades "práticas" e onde os professores dos grupos escolares (criados em 1893) da capital e do interior do estado deveriam buscar seu modelo de ensino (Mortatti, 2006, p. 6).

Todavia, os professores começaram a defender e a escolher por meio de normatização suas “práticas” e concepções “didáticas”. Logo, as cartilhas que já estavam em vigor, começaram a ter uma nova estância de concepção, voltadas para o método misto de alfabetização, em que os professores pudessem mesclar tanto o método sintético quanto o analítico.

Soares (2020, p 10), também vai afirmar que o pressuposto pedagógico adotado, considerava a “leitura” um objeto ao todo contribuinte da alfabetização. Os métodos que se predominavam eram chamados “métodos de leitura” e “livros de leitura”, tendo um ensino limitado à escrita de cópia ou ditado, baseado no codificar e decodificar. Essa forma de pensar a leitura e a escrita predominou durante o século XIX.

Já em vigência dos anos 1910 e 1970, uma nova era se inicia, começa-se a falar sobre a “alfabetização” utilizada para designar o ensino inicial da leitura e da escrita. Assim como, um momento de estudos com novas vertentes contribuintes. Para ser levada em consideração, uma delas foi a didática de como deveria ser ensinado, mas, também, levar em questão a quem está sendo ensinado, junções visuais, auditivas e motoras deveriam ser levadas em consideração na criança.

Portanto, a tentativa de erradicar o analfabetismo no Brasil passou por diferentes métodos criados para o aprendizado da leitura e escrita e, nesse processo, novas concepções surgiram no país, em meados dos anos 1980, a fim de superar o fracasso escolar na era alfabetização e por novas exigências como ascensão social, cultural, econômica e política. A necessidade de nova vertente de leitura e escrita nas práticas sociais e profissionais exigiam

meios diferentes de se obter a leitura e escrita significativa. Nesse período, estudos e discussões sobre como desenvolver o processo da alfabetização na educação brasileira, compreendeu o surgimento teórico-metodológico com o surgimento do construtivismo e as discussões nessa vertente tratadas sobre a construção do conhecimento pela criança.

Emília Ferreiro e Ana Teberosk (1986), autoras que se basearam na teoria Piagetiana Construtivista no processo de alfabetização, realizaram estudo sobre a psicogênese da língua escrita pelas crianças. Nesse iterim, deixou-se de falar de métodos e começou a se abordar a concepção de que as crianças, para serem alfabetizadas, passariam por processo da aquisição de leitura e escrita de modo que o professor devesse entender as hipóteses criadas por elas.

Soares (2022, p. 20 e 21), em seu livro “Alfabetização a questão dos métodos”, também afirma que as autoras, Ferreiro e Teberosk, buscavam uma concepção do processo de aprendizagem da leitura e da escrita e não apenas um método, mas, que a partir do entendimento construtivista, ambas contribuíram com a forma de compreender a alfabetização e o processo da construção da leitura e da escrita pelas crianças, tendo em consideração que o processo dessas aquisições, envolve a reconstrução, coordenação, integração e diferenciação. Ou seja, uma criança teria a capacidade de adquirir conhecimentos, pensar, compreender e fazer uma reflexão no que permeia em seu redor, da leitura de mundo, fazendo uma interação e construindo seu saber. Não se trata de um método novo, mas uma vertente de concepção conceitual com embasamento teórico e metodológico, insinua Soares (2022).

Sendo assim, surge uma nova vertente no preceito de alfabetização e do letramento. Não como excludente um do outro, mas como complementar, entrelaçados entre si. Uma pessoa “alfabetizada” saberia codificar e decodificar o sistema de escrita. Ou seja, uma pessoa alfabetizada, escreveria seu nome. Por outro lado, uma pessoa “letrada” consiste em dominar a leitura e escrita no contexto social, sabendo refletir e interpretar suas ações.

Com base nessa compreensão, a história da alfabetização e seus preceitos tiveram grandes transformações. Os métodos não deixaram de existir, porém, novas formas de alfabetizar foram bem-vindas em contextos mais contemporâneos. Soares (2022), ainda levanta questionamentos dos métodos utilizados como forma de alfabetizar. Segundo essa autora, se existem métodos, existem várias maneiras e meios para alfabetizar alunos no cenário brasileiro, de forma a não prevalecer apenas um método.

Ainda, em seus estudos, Soares, (2022, p. 50) vai se referir que não existem métodos prontos e acabados, certos de como fazer a alfabetização, mas um “conjunto de procedimentos que, com base em teorias e princípios linguísticos e psicológicos, orientam essa aprendizagem, em cada uma de suas facetas”. Logo, a partir de teóricos e teorias, busca-

se desenvolver o processo da alfabetização, procurando o aperfeiçoamento no ensino e aprendizagem, levando-se em consideração vários contribuintes.

2.3 – Alfabetização e Letramento

Considerando que não existe métodos de alfabetização como receita certa e única, temos grandes contribuições que podem fortalecer e embasar práticas metodológicas inovadoras para serem bem sucedidas, conforme a necessidade de leitura e escrita do campo e espaço pesquisados. Magda Soares (2003), diz que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. Ou seja, compreender que a alfabetização é a aquisição do sistema alfabético e ortográfico e o letramento é o uso das tecnologias da escrita no meio do convívio social, portanto, o processo de alfabetização é contínuo, e os dois andam entrelaçados.

Carvalho (2005) também sustenta:

Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas, documentos, e muitos outros tipos de textos; podem também encontrar dificuldades para se expressarem por escrito. Letrado, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedades, para dar contas de suas atribuições sociais e profissionais (Carvalho, 2005, p. 66).

A aquisição da escrita é um processo de construção baseado na forma como os estudantes pensam e entendem o universo letrado. A leitura e escrita é uma produção do mundo real, levando a criança a se apropriar de uma escrita que envolve o processo da aquisição e, a partir das interações, interpretações e reflexão no contexto pessoal e social, ela vai desenvolvendo essas práticas.

Nessa perspectiva, alfabetizar letrando é ser intencional, criar possibilidades por meio de atividades, utilizando procedimentos metodológicos para embasar as práticas e trabalhar habilidades na aquisição da leitura e da escrita. É buscar trabalhar na criança o sentido social/real, sendo alfabetizada e ao mesmo tempo letrada; é refletir que na faceta linguística envolve o processo de alfabetização e nas facetas interativa e sociocultural englobam o letramento, sistematizando ao mesmo tempo a leitura, a escrita e a interpretação.

Para explicar melhor esse processo, Carvalho (2005) busca esclarecer o surgimento da invenção do letramento com uma pedagogia do multi-letramento, não tendo apenas meio de alfabetizar, mas de ressignificar as práticas através da leitura de mundo social.

Na mesma direção, Soares (2020, p. 50-51.) “compreende que o processo de alfabetização se dá dentro das práticas sociais de uso da leitura e escrita, ou seja, de

letramento”. A autora explica que o ser humano, ao nascer, entra no mundo dominado pela linguagem verbal. Já a escrita necessita ser mediada com um conjunto de procedimentos, de teorias e práticas que precisam ser ressignificadas para as exigências momentâneas. Em consequente, os princípios do sistema de escrita devem ser levados em consideração, para a criança poder compreender e desenvolver essa habilidade.

Assim sendo, fica entendido que o processo de ensino da leitura e da escrita deve acontecer de forma significativa e contextualizada, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais que devem acontecer com certos cuidados e simultaneamente, levando a criança a ser alfabetizada e letrada ao mesmo tempo, contando com um sistema de representação que precisa ser compreendido para fazer seu uso da escrita e sua interpretação no social.

A autora Carvalho (2005) também vai afirmar:

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. assim a escrita passa a ter função social (Carvalho, 2005, p.69).

Então, o uso de textos reais e sociais que estão no repertório social da criança, em que o contato diário com o texto trabalhado faz com que práticas de leitura e escrita partam desses textos-base, levando a criança a exercer, a partir deles, atividades significativas, juntamente com o aprendizado do sistema de leitura e escrita. Ambas as práticas devem ser trabalhadas juntas, tanto no campo do sistema notacional de facetas linguísticas, quanto em práticas alfabetizadoras de facetas interativa e sociocultural, e, por consequente, o letramento pode ser alcançado e os níveis de leitura e escrita bem sucedidos com compreensão e interpretação no social.

Logo, alfabetizar letrando remete a busca de estratégias que oportunizem atividades significativas aos alunos, de modo que eles possam se identificar com o ensino e, por consequente, venham a fazer uso social da aprendizagem.

2- REGÊNCIA DE PRÁTICAS EXITOSAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Com a compreensão expressa nas páginas anteriores deste trabalho, de possíveis obstáculos que ainda incidem na permanência do analfabetismo como realidade no contexto educacional brasileiro, e esta realidade nos acende um alerta como pedagogo, pois, como

professores alfabetizadores, é certo que enfrentaremos possíveis obstáculos na nossa prática pedagógica. No ano de 2023, surgiu uma grata oportunidade na minha formação inicial, ainda como discente do curso de pedagogia que me ajudou a refletir sobre essa problemática.

Logo, entre o ano de 2023 e 2024, participei como residente do Programa Residência Pedagógica. Um programa do Governo Federal-Capes, em parceria com a Universidade Federal do Pará e demais universidades de todo o Brasil. A residência, ocorreu numa escola pública do município de Abaetetuba, no estado do Pará, juntamente com os outros colegas. Deparei-me com várias situações-problema em sala de aula sobre a alfabetização de crianças, porém, ao mesmo tempo em que eu observava a prática da professora regente da turma do 2º. Ano do ensino fundamental, contávamos com as formações teóricas previstas no programa, além disso, as formações e orientações recebidas da orientadora do programa contribuíram significativamente, especialmente para a minha formação acadêmica e profissional, assim como para o planejamento das atividades de intervenção didática, pois, uma das etapas do programa era a regência.

Após o período de observação e contribuições em torno do ensino da professora regente, e ao mesmo tempo na colaboração dada aos alunos para que conseguissem realizar as atividades diárias de sala de aula, chegou o momento da regência, última etapa do programa. Essa regência se deu com a proposta de uma intervenção didática em direção aos problemas de aprendizagem detectados durante o período de observação.

A primeira observação destacada foram as dificuldades dos alunos em compreenderem como realizar as atividades propostas pela professora regente. Todas as vezes que isso acontecia, o grupo de residentes tinha que auxiliar os alunos para que conseguissem entender as atividades e assim eles conseguirem realizá-las.

Outro ponto observado foi a recusa das atividades pelos alunos que não os atraíam. Particularmente, podemos dizer que se tratava de atividades cansativas, pois os alunos ficavam por muito tempo copiando as atividades da lousa e isso os deixava cansados. Grande parte dos alunos não tinha autonomia para ler textos pequenos, nem conseguiam escrever palavras e frases da lousa. Essa situação se tornou comum por todo o período em que acompanhávamos as aulas da professora regente.

Com base nessa observação, nas leituras e formações desenvolvidas pelo Programa, as quais foram fundamentais no desenvolvimento e planejamento das atividades, partimos para o planejamento da intervenção didática. A nossa orientadora reuniu com o grupo de residentes e nos ajudou, iniciando a escolha do texto-base. Aprendemos com a nossa orientadora que a escolha do texto-base é muito importante, pois deve ser um texto atrativo

em relação à realidade social e cultural dos alunos.

Segundo Carvalho (2005, p. 48) “texto é um tecido feito com palavras, assim como, o pano é um tecido de fios. Fios soltos não formam tecido, palavras soltas, desconexas, sem um sentido que as aproxime, não formam um texto”. A partir de um texto-base bem planejado, a criança pode ler, escreve, interpreta, se comunica e aprende até as regras gramaticais.

Portanto, ao utilizarmos sempre o texto como ponto de partida para o desenvolvimento das atividades, o planejamento se torna mais fácil, com as atividades planejadas diretamente do texto.

Logo, o texto é uma unidade significativa, pois se a criança tem contato diário e constante com o texto, necessariamente ela não vai precisar exigir esforços cognitivos. Ao contrário, se ela tem uma aproximação com o conteúdo do texto, facilita o processo de aprendizagem.

Desse modo, as atividades devem partir de um conjunto dinâmico, fácil interpretação, de forma que as palavras devam fazer parte do repertório linguístico da criança, pois se acredita que para a construção de uma aprendizagem motivadora e significativa “o texto deve ser o eixo central do processo de alfabetização” (Soares, 2020, p.34).

Como vimos à cima, a partir de textos reais como: histórias, conto, poesia, receitas, bilhetes, notícias de jornal, faixas de avisos, propaganda, etc., o professor, ao se valer de um texto como norte do seu ensino, é possível entender o funcionamento da língua para logo ressignificar as práticas pedagógicas. Criar e ressignificar atividades irão influenciar a concepção da criança, de modo que ela faça uma construção e reconstrução do objeto que está conhecendo, assimilando as informações dadas pelo professor.

Então, de posse do texto-base sugerido pela nossa orientadora, foram formuladas atividades diferentes, conforme a observação e necessidade da consciência leitora e escrita dos alunos da turma do 2º ano, sendo que todas as atividades partiu do gênero textual “conto”. Todas as atividades propuseram a imersão dos alunos na prática de leitura e escrita todos os dias da nossa regência de classe, buscando o avanço e fortalecimento de forma lúdica e mais atrativa para evitar o desânimo dos alunos.

O texto trabalhado foi o “conto” intitulado “NATAL”, do escritor paraense Ápio Campos. A escolha do escritor foi por ele desenvolver uma escrita regional, e o uso de palavras do conhecimento social e cultural dos alunos, e até mesmos “gírias”, ou seja, palavras que os alunos estavam acostumados a ouvir em seu dia -a- dia. Também, a escolha do gênero textual se deu devido o plano de atividades ser no período de fim do ano, época

do natal. Neste sentido, buscou-se proporcionar uma interação significativa, contextualizada entre os alunos e o texto, desde o momento do planejamento da intervenção didática até a proximidade do conteúdo da história com a realidade social e regional dos alunos.

Na introdução das atividades foi explicado aos alunos como desenvolver o início, meio e o fim de cada atividade planejada para cada dia. Tivemos o cuidado com os materiais usados (o tamanho do texto exposto em sala de aula, o tamanho das letras, a organização dos parágrafos, a foto do autor do texto, as informações sobre o autor, etc.). Ainda, no planejamento, buscamos favorecer um processo de participação dos alunos de forma mais direta, incentivando o aprendizado pessoal e interacional de cada aluno nas atividades. Do mesmo modo, como a maior dificuldade dos alunos era na leitura e escrita, estas duas práticas ocorreram todos os dias de uma semana de atividades.

Assim, para que os alunos pudessem participar da leitura do texto, preparamos a escrita à mão, no papel 40 KL, e em letra bastão, impressa em forma de painel, para que os alunos observassem a variação das duas formas de escrita. Todos os dias eram feita a leitura coletiva do texto em voz alta. E com o passar dos dias, eles passaram a fazer a leitura individual, com o nosso auxílio até que ganhassem autonomia e se mostrassem interessados em fazer a leitura, sozinhos.

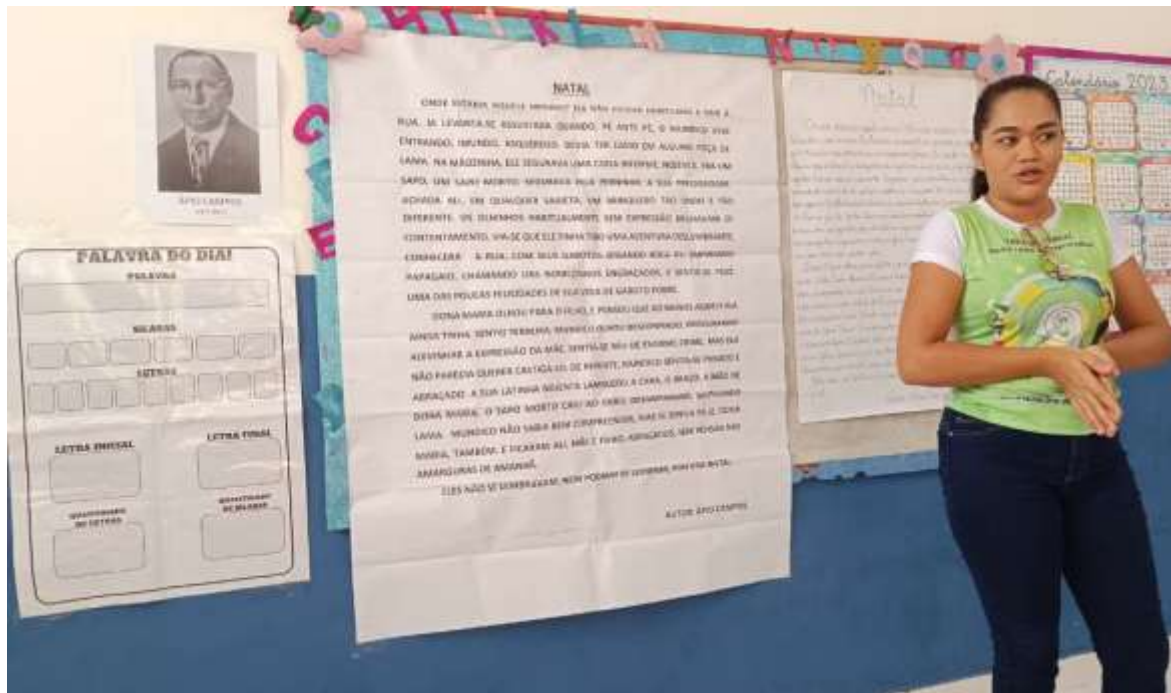
Carvalho (2005, p. 54) vai sugerir que se deve “escrever o texto no quadro, numa cartolina ou no bloção. Fazer uma leitura normal, fluente e conversar com a turma sobre o texto. O que significa o que foi lido, o que compreenderam. Essa conversa deve dar margem para que as crianças se manifestem livremente, mas de forma organizada”. Assim, a cada dia, as atividades anteriores eram lembradas antes da introdução da atividade do dia.

O texto-base que trabalhamos durante a semana é um conto com linguagem clara e objetiva que narra a história de uma mãe (Dona Maria) e um filho (Mundico), ambos muito humildes, porém, a simplicidade em que viviam, os fizera esquecer o dia de natal. Trata-se de um texto bem sensível e compatível com a realidade de muitas crianças de escola pública que vivem nas periferias das cidades, assim como muitos alunos com os quais estávamos convivendo naqueles dias da regência de classe. Desse modo, os alunos mostraram-se muito atraídos pelo conto, o que chamou a nossa atenção sobre o quanto a escolha do texto se torna importante nesse processo em que a criança está aprendendo a ler e a interpretar.

A Figura 1, exposta a seguir, expressa um pouco dessa atividade planejada durante o nosso momento de regência no Programa. Sendo possível perceber as duas formas de escrita. Essa figura também expõe a foto do escritor paraense Ápio Campos e um quadro de

atividades para que fosse escolhida a palavra do dia, extraída do texto, após a leitura e interpretação trabalhadas no dia.

Figura 1 - Representação que contém a foto do autor, o texto impresso com letra maiúscula e texto escrito a mão com letra cursiva e a atividade “palavra do dia”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Após a apresentação do texto, do escritor e das informações expostas, iniciamos a atividade do dia, com leitura coletiva, trabalhamos a interpretação e interação dos alunos com o texto, apresentando o autor, um pouco de sua biografia, identificações dos personagens do conto, as questões sociais que envolviam os personagens, por conseguinte, destacamos os nomes e significado das palavras usadas no texto que possuíam contextos e significados diferentes em algumas regiões, com o objetivo de trabalharmos a comunicação, interação, fala e escuta dos alunos. Levamos em conta a sugestão de Carvalho (2005):

Em seguida, faça a leitura didática, apontando as palavras com o dedo ou com uma régua, mostrando os espaços em branco entre as palavras. Assim você começa a dar uma noção importante que: os espaços marcam os limites gráficos das palavras, onde começam e acabam. Mostre aos alunos que quando falamos as palavras parecem emendadas umas nas outras. Fazendo pausas para respirar ou marcar o ritmo das frases, mas não há uma separação obrigatória entre as palavras a não ser quando deliberadamente falamos muito devagar. Assim, a separação entre as palavras, os espaços existentes entre elas no papel são uma das características da língua escrita (Carvalho 2005, p. 54).

Desse modo, entendemos como futuros alfabetizadores, que a leitura e escrita devem ser exercitada todos os dias, seja pela leitura coletiva ou individual. Assim como a escrita, todas as atividades devem ter sistematização, tanto em lousa, quanto no caderno ou em pedaços de papel ou qualquer suporte de escrita.

No decorrer das atividades, direcionamos os alunos para a atividade de leitura e escrita, a partir de palavras retiradas do texto e utilizando o quadro da atividade “palavras do dia”. Foram selecionadas palavras de classificações diferentes. As palavras foram impressas e sorteadas, e quando sorteadas, realizavam a leitura das palavras em voz alta para sonalizar os fonemas e grafemas, mostrando a palavra para que os alunos as visualisassem, lessem e identificassem a sua representação gráfica por ocasião do ditado. Perguntamos qual a letra inicial e final de cada palavra; quantas letras tinham em todas as palavras e assim, destacando as vogais e as consoantes, mostrando e ensinando quantas sílabas e como se formavam as sílabas de cada uma das palavras, usando a técnica concreta de “bater palmas” para contar as quantidades de sílabas.

E posteriormente, cada criança se direcionava ao quadro da “palavra do dia” e destrinchava a palavra sorteadas. Essa atividade foi feita com um material que lhes possibilitou escrever (caneta não permanente) e apagar até que conseguissem escrever a palavra ou escrever do jeito deles. Os próprios alunos mostravam interesse em querer escrever a palavra de forma correta, pensavam antes de escrevê-la e ao acertar, comemoravam. Atividades retrata nas figuras 2 e 3.

Figura 2 - Palavras tiradas do texto e impressas em letras maiúsculas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 3 - Aluna desenvolvendo atividade palavra do dia



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Ou seja, trabalhamos tudo entrelaçado, sem separar os momentos, sempre utilizando o texto para encontrar as palavras ou frases. Isso tudo, devido à sistematização e mediação no momento certo. Carvalho (2005) considera:

Aprender a ler envolve aprender que as letras representam sons, que a mesma letra pode representar mais de um som de acordo o contexto e o mesmo som pode ser representado por mais de uma letra. Não é uma questão de adivinhação da criança, é conhecimento sistemático, que tem que ser passando por uma pessoa que conheça o código alfabético (Carvalho 2005, p. 54).

Ensinar os códigos, competências e consciências para as crianças de forma intencional, criando atividades a partir do texto trabalhado, para não as confundir. Assim, elas irão perceber como funcionam as letras para reproduzir os sons da língua e interpretar o texto.

Considerando, que inicialmente, as atividades podem ser elaboradas com a letra bastão, não que isso seja uma regra, mas para os alunos que ainda não conseguem escrever com letra cursiva, é um conforto para seus cognitivos, compreender e interpretar, algo que visualizou. Por exemplo, na forma do texto escrito, assim como, escritas das atividades.

Na sequência das atividades do dia da nossa regência, foram realizadas mais duas atividades, uma impressa para aprimorar a consciência silábica (pintar os círculos para cada

valor sonoro silábico) e, no final, de forma lúdica e bem atrativa, um bingo silábico, bingo elaborado, com início das sílabas trabalhadas do texto, conforme é possível visualizar nas figuras 4 e 5.

Figura 4 - Atividade de pintar o círculo do valor sonoro



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 5 - Bingo silábico

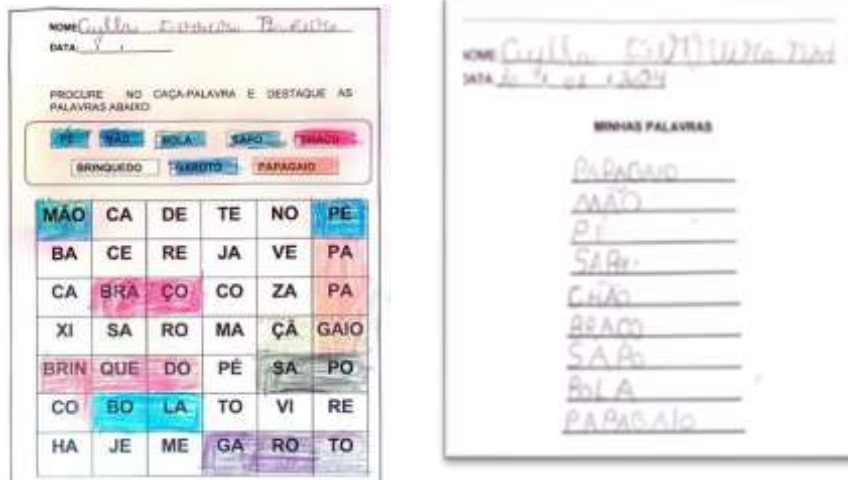
BINGO SILÁBICO		
GA	BO	BE
ME	NI	FU
BRA	DA	NO
BINGO SILÁBICO		
BO	LO	BA
RI	CA	LA
MA	TA	GA

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

No segundo dia de atividades, foi realizada a identificação de palavras selecionadas no cartaz e sua escrita no quadro da palavra do dia. Em seguida, realização da atividade caça palavra que lhes foi entregue; por último, uma atividade para trabalhar o ditado, atividade

chamada “Minha palavra”. Os alunos jogavam um dado que possuía 9 lados, o número sorteado correspondia ao número da carta que os alunos tinham que virar e ler a palavra em voz alta, quem não conseguia ler, pedia ajuda. O ditado foi feito após esse momento de convivência e interação com as palavras. As figuras 6,7 e 8 representam essas atividades.

Figura 6 - Atividade caça palavra. Figura 7 - Atividade minha palavra.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024. Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Figura 8 - Dado e ficha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

No terceiro dia, foram elaboradas atividades como: colar e recortar os nomes das figuras com letras móveis (as letras estavam todas misturadas), depois, os alunos deveriam escrever uma palavra que rimasse com a figura disponibilizada para eles; por último, atividade chamada “Batalha de palavras”. Foram disponibilizados letras e números aos

alunos. Os mesmos jogavam o dado e encontravam a palavra no quadro correspondente ao número, fazer a leitura da palavra em voz alta e, por fim, o ditado para análise da escrita. As Figuras 9, 10, 11 e 12 demonstram as atividades neste dia.

Figura 9 - Atividade colar letras móveis.



Figura 10 - Atividade de rima.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 11 - Atividade batalha de palavra

Figura 12 - Sistematização batalha de palavra



Fonte: Arquivo pessoal da auttora, 2024.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

No quarto dia, realizada as atividades como: criação de frases com ilustração, sendo as figuras dentro do contexto do natal do gênero “conto”; na segunda atividade do dia, os alunos teriam que observar as imagens, depois montar a frase, substituindo a figura por palavra, e a outra atividade foi um bingo de palavras. Nesse bingo, além das palavras do texto, foram colocadas outras palavras parecidas; os alunos sorteavam liam e marcavam as palavras

sorteadas. Demonstrando a primeira e segunda atividades nas figuras 13 e 14.

Figura 13 - Atividade criação de frases.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 14 - Atividade trocar imagem por palavra.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

No quinto dia, foi um momento de contextualizar e finalizar as atividades da semana, a partir do que foi trabalhado nos dias anteriores. Neste último dia de atividade, ainda ocorreu uma roda de conversa, no qual, cada aluno teria que (re) contar a história do “Conto”, da maneira que lembrassem. Para essa atividade, levamos em conta o que orienta Carvalho (2005).

Carvalho (2005, p. 50) adverte que “ a criança, ao recontar que ouviu e viu, a professora terá o cuidado de procurar entender o conteúdo de sua fala, suas ideias, opiniões e pensamentos. Isto, no entanto, não significa transcrever exatamente o que a ela diz com hesitações, erros gramaticais etc”. É um momento de fala e escuta e de concentração, interpretação e dicção da criança. Após este momento de apreciação, disponibilizado aos alunos, uma folha de papel, contendo alguns espaços para escreverem seus nomes completos, data e a contextualização conforme a entendimento do conto, a partir do texto-base que foi lido todos os outros dias anteriores. O papel disponibilizado para essa atividade, tinha duas imagens que lembrava a história: uma figura representando mãe e filho e um sapo, personagens centrais do conto. Sugerimos aos alunos que colocassem um título para a história recontada.

A proposta incidiu em mobilizá-los para escreverem e, na sequência, trabalhar as dificuldades predominantes na escrita. Ressaltamos que esses alunos não tinham a prática da escrita diária e nem de leitura de texto, o que nos levou a perceber um avanço significativo na leitura e escrita deles durante as atividades propostas na semana que divergia das atividades

que eles faziam em sala de aula. Ressaltamos que problemas de ordem gramatical também foram analisadas. A Figura 15 demonstra essa análise.

Figura 15 - Atividade de escrita final.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Por hora, podemos dizer que todas as atividades da semana de nossa regência foram bem aceitas pelos alunos, que antes, no período da observação como residente em sala de aula, os alunos mostravam-se desatentos, desmotivados e não gostavam de realizar as atividades propostas pela professora. No entanto, com a intervenção didática proposta por nossa orientadora e desenvolvida por nós, foi perceptivo nas expressões dos alunos o interesse em participar das atividades planejadas a partir do texto-base “Natal”, pois, de fácil interpretação, em se tratando de um texto mais próximo da realidade dos alunos.

As atividades diárias desenvolvidas ajudaram os alunos a despertarem para a consciência e competências necessárias, pois a leitura e escrita diária foram realizadas com maior participação deles, que sempre buscaram se atentar para o nosso sistema de escrita alfabético brasileiro, que é de fundamental importância no processo do aprendizado da língua materna. Do mesmo modo, o aprendizado da leitura e da escrita é facilitado por sua prática diária, e isso, nós garantimos aos alunos durante a nossa regência, tendo em vista que o objetivo maior é a alfabetização da língua materna, no entendimento de que alfabetização e letramento devem ser entendidos como um conjunto de procedimento que fortalece a prática no ensino e aprendizado da leitura e escrita.

A experiência da regência de classe por meio de um planejamento contribuiu com a aprendizagem dos alunos, e nos motiva a exercer cada vez mais, o papel de professora focada na aprendizagem dos alunos e, para isso, o planejamento a partir de um texto-base é

significativo, sendo fundamental para os alunos da turma do 2º. Ano do ensino fundamental, se sentindo motivados a aprender durante o período em que estiveram participando das atividades proporcionadas pela regência.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar que a formação continuada de um professor sustenta a sua prática e faz com que o processo de ensino-aprendizado aconteça na vida dos alunos e do próprio professor, que diante do seu compromisso, deve buscar meios, criar metodologias para que ele possa acompanhar os níveis de aprendizagem dos seus alunos e alcançar os resultados esperados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordam-se discussões e reflexões sobre, concepções, aportes teóricos, práticas e procedimentos metodológicos de alfabetização nos anos iniciais durante um período como residente do Programa Residência Pedagógica, culminando com a prática em regência na sala de aula, em uma semana numa escola pública do município de Abaetetuba-Pará.

Enfocamos sobre a alfabetização e letramento considerando o chão teórico-prático, as dificuldades e obstáculos que entrelaçam o processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Conhecer a história e as concepções sobre alfabetização e letramento enriquece nossa prática como regente. Do mesmo modo, adquirir conhecimentos e fazer reflexões críticas da didática docente é fundamental para a escolha das práticas como um norte na construção da formação docente, assim como, resposta para o “medo” que surge quando se vivencia uma graduação no curso de licenciaturas, como de pedagogia.

Por meio da prática docente podemos fazer as relações das disciplinas da grade curricular com a realidade de um espaço educacional, pois, através das experiências vivenciadas na escola-campo, compreendemos o papel formador.

O Programa Residência Pedagógica, oportunizou a vivência de um currículo, tanto teórico quanto prático e, desse modo, forjar a identidade iniciante como docente. Logo, o contato contínuo com as formações teóricas e com as vivências da prática, acarretou um aprendizado enriquecedor, tanto pessoal quanto profissional, principalmente como futura professora alfabetizadora.

Com as formações teóricas, entendem-se as peculiaridades que o cenário educacional atual brasileiro possui, tendo muitos paradigmas a serem desconstruídos, dentre eles alguns métodos da alfabetização não mais interessante e condizente com o cenário atual, onde os alunos não respondem mais a determinados tipos de atividades práticas de sala de aula em que

o professor não consegue acompanhar as mudanças e ficam presos a métodos tradicionais, enfadonhos, sem sucesso na aprendizagem dos alunos.

Torna-se necessário o entendimento de uma nova visão, de escola e aluno, de forma que “método” seja entendido como um conjunto de teorias e princípios que andam entrelaçados, que buscam embasar e alinhar práticas em sua efetivação metodológica, no sentido de minimizar as dificuldades e problemas na esfera educacional brasileira.

A vivência no campo educacional contribuiu para diversas experiências, desde corpo formador, a entrada e saída dos alunos na escola, as dinâmicas do aproveitamento do tempo pedagógico, a necessária elaboração de planejamento e, sobretudo, atentar-se para como a criança se relaciona com a aprendizagem para a sua efetivação.

Logo, é notório, uma reflexão crítica das práticas e a busca pelo conhecimento, devido às exigências e a peculiaridades que o campo educacional tem. A ressignificação das práticas alfabetizadoras contribuiu com o contexto social e, principalmente, com as crianças, tornando-as alfabetizadas na sua língua materna e fazendo uso social desse aprendizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília, 2014;

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1996;

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018;

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais** / Antônio chizzoti. – Petrópolis, RS: Vozes, 2006;

CARVALHO, Marlene. **Alfabetização e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, 142 p;

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Médicas, 1986;

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública** - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1994. 149 p;

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990;

MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Seminário realizado em Brasília, em 27/04/2006;

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013. 1,0 MB; e-PUB.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2003. 202 p;

SOARES, M. **Alfabetizar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever/ Magda Soares. – 1. Ed., 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2020. 352 p;

SOARES, M. **Alfabetização**: A questão dos métodos / Magda Soares. – 1. Ed., 7ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2022. 384 p;

<https://www.gov.br/mec-divulga-mapa-das-mais-de-7-mil-formaturas-antecipadas-de-cursos-da-saude/pt-br/crianca-alfabetizada#:~:text=APRESENTA%C3%87%C3%83O,estrat%C3%A9gias%20formativas%20e%20orienta%C3%A7%C3%B5es%20curriculares>. Acesso em 5/8/2025.